



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III – CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**VANESSA DOS SANTOS SILVA**

**GUARABIRA /PB**

**2018**

**VANESSA DOS SANTOS SILVA**

**RUA DA MACUMBA E CANGOTE DO URUBU: Doses da pigmentocracia para meninas em Pilar-Pb**

Trabalho apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – Campus III, em cumprimento aos requisitos necessários para a Obtenção de grau de Licenciado em História.

**Orientador: (a)** Prof. MS<sup>o</sup> Cibele Jovem Leal.

Universidade Estadual da Paraíba

GUARABIRA / PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586r Silva, Vanessa dos Santos.  
Rua da Macumba e Cangote do Urubu [manuscrito] : doses da pigmentocracia para meninas em Pilar - Pb / Vanessa dos Santos Silva, Dr. Waldecir Ferreira Chagas. - 2018.  
19 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Ma. Cibele Jovem Leal, Coordenação do Curso de História - CH."

1. Pigmentocracia. 2. Racismo. 3. Educação étnico racial.

21. ed. CDD 320.56

**VANESSA DOS SANTOS SILVA**

**RUA DA MACUMBA E CANGOTE DO URUBU: Doses da Pigmentocracia  
para Meninas em Pilar-Pb**

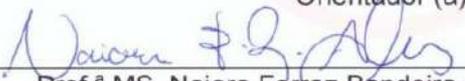
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a  
Coordenação do Curso de Graduação em História da  
Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às  
exigências para a obtenção do Grau de Licenciada em  
História.

Artigo aprovado em 20 /06/2018.

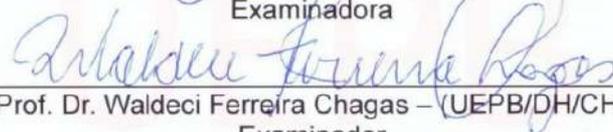
**BANCA EXAMINADORA**



Prof.<sup>a</sup> MS. Cibele Jovem Leal (UEPB/DH/CH)  
Orientador (a)



Prof.<sup>a</sup> MS. Naiara Ferraz Bandeira Alves (UEPB/DH/CH)  
Examinadora



Prof. Dr. Waldeci Ferreira Chagas – (UEPB/DH/CH)  
Examinador

À minha fonte de xêro e cuidado (mãe),  
por todo amor, paciência e apoio. E a  
Vida por dar às minhas palavras liberdade  
e mostrar o mundo dos "absurdos divino  
das imagens."

## AGRADECIMENTOS

Agradeço pelos milagres, pelos seres que foram passando neste processo de se fazer enquanto acadêmica, e por este exercitar do “Eu” que se faz parte do “Outro” que se formou em mim.

Aos professores (as) e coordenadores (as) do curso de Licenciatura em História, por seu empenho e atenção e orientações durante meses no decorrer do curso, e aos funcionários da UEPB, pela atenção e atendimento quando me foi necessário.

A mestre Cibelle Jovem Leal, que dedicou parte do seu tempo no percurso da realização deste artigo, me orientando nos erros e acertos. E a toda banca presente na defesa deste TCC, por terem contribuído, por meio das disciplinas e debates, em sala para a construção do saber.

Ao meu Arthur (noivo), por me presentear somente com sorrisos, e confiança da apresentação à conclusão deste trabalho, por ter sido o primeiro a ler, por gostar de desver o mundo comigo, e claro, grata por me ajudar com este inglês!

A minha, amiga e sensível Ivone dos Santos Silva (Mãe), ao sabido e recém-alfabetizado João Manoel da Silva (Pai), pelos abraços, paciência, e direcionamentos e pôr fim ao mais novo da casa, José Venâncio, pelos bons debates e conversas inteligentes, agradecida pelo apoio.

Aos envolvidos e desenvolvedores do Projeto Social Benjamim Monteiro da Silva: Construído Pilares para a Eternidade pelos momentos de convivência e de amizade, pelo exercício da Compaixão, pela experiência pedagógica e humanizadora que deram norte para os fins da minha formação acadêmica.

Agradeço ao Inventor do Tempo, e depois aos inventores da História.

“Então era preciso desver o mundo para sair daquele lugar imensamente e sem lado.”

Manoel de Barros

## RESUMO

Este artigo visa analisar as práticas socioculturais e a noção de pertencimento enquanto descendentes afro-brasileiras de meninas entre doze e dezesseis anos das comunidades “Cangote do Urubu” e “Rua da Macumba” na cidade de Pilar-PB. O intuito é perceber a relação de pertencimento da identidade negra enquanto exercício dos professores e professoras nos espaços escolares em meio as temáticas multidisciplinares focadas para educação étnico-racial. Abordando a temática étnico racial no Projeto Social Benjamim Monteiro da Silva: Construindo Pilares para a Eternidade, vinculado ao Project Compassion Brazil, percebeu-se a necessidade de desenvolvimento de metodologias e práticas pedagógicas capazes de questionar e desmistificar determinados conceitos cristalizados por culturas que foram sendo construídas enquanto “hegemônicas”. Ou seja, a partir dessa vivência serão apontadas discussões sobre o ensino e aprendizado da negritude enquanto formandos, educadores e cidadãos; ligando o intuito de realizar em sala a capacidade crítica de ler e problematizar o mundo dos educandos.

**Palavras-chaves:** Pigmentocracia; Racismo; Educação étnico racial.

## ABSTRACT

This article aims to analyse the socio-cultural practices and the belonging notion as afro-brazilian descendants of girls between twelve and sixteen years old from the “Cangote do Urubu” and “Rua da Macumba” communities in the city of Pilar – PB. The intent is to perceive the relation of belonging of the black identity as an exercise of the teachers in the school space among the multidisciplinary themes focused in ethnic-racial education. Approaching the ethnic-racial theme in the social project Benjamim Monteiro da Silva: Construindo Pilares para a Eternidade, bound to the Project Compassion Brazil, was noticed the need of pedagogical practices and the development of methodologies capable of questioning and desmistifying certain concepts crystallized by cultures that were build as “hegemonic” ones. That is, from this experience will be pointed discussions about the teaching and learning of blackness as graduate, educators and citizens; linking the intention of performing in class the critical capability of reading and problematizing the learners world.

**Keywords:** Pigmentocracy. Racism.. Ethnic-racial Education.

## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2. EMBRANQUECIMENTO SOCIAL: PIGMENTOCRACIA NO BRASIL.....</b>	<b>2</b>
<b>2.1. A Pigmentocracia.....</b>	<b>3</b>
<b>2.1.1 Entre o mais escuro e mais claro.....</b>	<b>5</b>
<b>2.1.2 A condição de “mestiças”.....</b>	<b>7</b>
<b>2.1.2.2. Educação antirracista.....</b>	<b>12</b>
<b>2.1.2.2. A negritude enquanto política de afirmação e movimento antirracista... </b>	<b>15</b>
<b>3. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>19</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O objeto estudado para ponte da reflexão transcrita neste texto é um grupo de adolescentes que participam de um projeto social denominado *Project Compassion* administrado pela Primeira Igreja Batista de Pilar-PB, com dependência registrada e conhecida na cidade como Projeto Social Benjamim Monteiro da Silva: Construindo Os Pilares Para a Eternidade. O projeto em questão tem como intuito abordar temas socioeducativos, neste são realizadas oficinas pedagógicas de competência pessoal voltada para áreas cognitivas, nutricionais e socioemocionais. O Projeto recebe crianças a partir dos três anos de idade.

A reflexão surgiu com os relatos e as conversas casuais com as meninas. Das conversas comecei a pensar sobre a percepção do perfil das mesmas sobre si, “provocando-as” com instigações semelhantes a: “E essa beleza toda?” Algumas se intimidavam e diziam não saber. “Provocava-as” mais um pouco e lhe dizia: “Pois olhe direito que você é uma mocinha negra muito da linda!”. O elogio se desfazia ainda mais para algumas. Ter pele negra significava para algumas uma ofensa. Ouvi algumas com peles visivelmente escuras me corrigirem as falas parecidas, alegavam serem morenas.

A partir disto, lancei os olhos para temáticas voltadas aos diálogos acerca da africanidade do povo brasileiro. A primeira vez que o tema foi abordado foi quando o componente da instituição pediu que se trabalhasse a questão do Bullying, e refletimos em sala os principais motivos que as faziam sofrer o mesmo. As questões mais levantadas, como eu já sabia, fora a cor da pele.

As comunidades de onde vem grande parte das/os adolescentes, “O Cangote do Urubu” e “Rua da Macumba” são, como já indica os termos nomeadores, de zonas marginalizadas. Na Rua da Macumba existiam templos de religiões afro-brasileiras, atualmente permanece um Terreiro, o mesmo é também ponto de encontro de algumas meninas, estas são apontadas de modo negativo em decorrência do estigma dado às religiões de matrizes africanas, na construção popular entende-se que são religiões de culto ao demônio.

Este artigo se assenta nas discussões propostas pela lei 10.639/03, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana e a obrigatoriedade das escolas em todo país incluírem no currículo escolar a história e cultura afro-brasileira e africana, recorrendo ao fato

de que o ensino e aprendizado da história é de suma importância para uma educação voltada a combater o racismo e à exclusão social.

## **2 EMBRANQUECIMENTO SOCIAL: PIGMENTOCRACIA NO BRASIL**

No início da Primeira República no Brasil, o “embranquecimento” da população se tornou pauta, a elite almejava ares da modernidade e a disseminação da teoria científica surgida por volta do século XIX<sup>1</sup>, de superioridade racial que afirmava ser os indivíduos caucasianos possuidores de maior capacidade de raciocínio, portanto, de inteligência. Essa questão estava presente no imaginário da elite branca.

Com a mudança econômica do país, que começou a se industrializar e a optar pela mão de obra de imigrantes europeus, associada a abolição da escravidão se intensificou a exclusão das pessoas negras, estes ficaram marginalizados e desvalorizados socialmente, e em péssimas condições de vida.

No século XX, grande parte da historiografia do Brasil República foi construída a partir de relatos e escrita de homens brancos, tendo sido agregadas às ideias eurocêntricas. Ou seja, foi-se construindo uma história onde o negro é deprimido e colocado como subserviente.

O reconhecimento e leitura de autores, como; Carolina Maria de Jesus, Munanga, Abdias Nascimento e Conceição Evaristo alteram a perspectiva de análise da condição de vida das pessoas negras e possibilitam ao professor aberturas para recensear o histórico de inferioridade construído ao longo do tempo-espaço.

Nesse contexto Oliveira (2016) ressalta “que alguns intelectuais negros eram vistos tão somente como folcloristas, que produziam trabalhos importantes, no entanto, sem muito valor científico.” Pois usavam da oralidade para compor suas fontes.

Esse autor aponta o caso de Manoel Querino, negro intelectual que vivenciou a exclusão da população negra no projeto de cidadania do fim da escravidão a início da república, como referência válida para o desapego da historiografia fatídica que detrata o contexto de lutas e culturas do negro. Para o mesmo, “a produção intelectual de Querino vai de encontro aos estudos dominantes da época, os quais colocavam o africano como sujeito inferior, que se encontrava numa fase” “evolutiva primitiva”.

---

<sup>1</sup> Ao falar da relação entre o indivíduo negro e branco no Brasil, Lilia Moritz Schwarcz, na Obra *Nem Preto nem Branco*, aponta que um modo de extrema e pretensamente harmoniosa de convivência entre os grupos foi, aos poucos, sendo gestada como um verdadeiro mito de Estado, em especial a partir dos anos 1930, quando a propalada ideia de uma “democracia racial”, formulada de modo exemplar na obra de Gilberto Freyre, foi exaltado de maneira a menosprezar as diferenças diante de um cruzamento racial singular.

Querino se destacou neste sentido, com certa particularidade para época em que viveu, sua obra serve para deixar em aberto à procura e uso de autores negros, pensar sob a obra do mesmo e de outros autores negros, rompe com a necessidade de priorizar os estudos e análises historiográficas do negro por estudiosos brancos.

### 2.1. A Pigmentocracia

É “comum”, no cotidiano, o brasileiro ouvir os bons e velhos “benefícios” aos indivíduos negros de pigmentação mais clara; “*morena/o clara/o*”, “*café com leite*” e o “*morena/o escura/o*.”, a mestiçagem do povo brasileiro é um fato usado, sobretudo, para a ideia do mito da democracia racial<sup>2</sup>, Dessa forma, vale refletir sobre o vínculo e o apego aos traços vindos do branco, o cabelo crespo/cacheado na menina de pele clara pode ser “corrigido” no salão de beleza, digo isto, sem o intuito de afirmar que isto não deveria se suceder quando é algo proposto por si mesmo, mas porque há também uma continuidade de falas semelhantes quando a mulher está confortável ao volume do cabelo.

Sobre essa questão Reis (2016) afirma que “por tratar-se de um símbolo identitário da pessoa negra, a estética do cabelo reflete traços culturais de um povo estando diretamente ligado à sua beleza. Sendo assim, descaracterizar o cabelo crespo é descaracterizar a pessoa negra, sua história, sua identidade étnica, sua beleza,”; ou seja, quando se alimenta o preconceito desta forma, é compreendido que há uma negação de etnia, uma vez que:

... a imagem do negro estava presente até nos espelhos das casas brasileiras. Um cabelo mais rebelde, um nariz mais achatado, uma pele mais morena denunciava a extrema miscigenação racial ocorrida nas Américas, e talvez o Brasil simbolize este mosaico étnico (JUNIOR & ARAUJO, 2016 p.298).

A miscigenação estava e está atualmente posta como algo positivo quando se passava/passa pelos olhos discriminatórios em tons mais “assentados”, a colonização e

---

<sup>2</sup> Schwarcz em sua obra intitulada *Nem Preto Nem Branco* afirma que a valorização do nacional é acima de tudo uma retórica que não encontra contrapartida fácil na valorização das populações mestiças e negras, que continuam a ser, segundo a mesma, discriminadas nas esferas da justiça, do direito, do trabalho e até do lazer. Nesses termos, entre o veneno e a solução, de descoberta a detração e depois exaltação, tal forma extremada e pretensamente harmoniosa de convivência entre os grupos foi, aos poucos, sendo gestada como um verdadeiro mito de Estado, em especial a partir dos anos 1930, quando a propalada ideia de uma “democracia racial”, formulada de modo exemplar na obra de Gilberto Freyre, foi exaltado de maneira a menosprezar as diferenças diante de um cruzamento racial singular.

presença do branco acabam se fazendo em benefício, pois, isto remete uma descendência mais apessoada, o colorismo<sup>3</sup> se sustenta nestes parâmetros.

A Pigmentocracia ou colorismo segundo Aline Djokic, dona do blog *Manual da Blogueira Negra*<sup>4</sup>, é “a discriminação pela cor da pele e é muito comum em países que sofreram a colonização europeia e em países pós-escravocratas. De uma maneira simplificada, o termo quer dizer que, quanto mais pigmentada uma pessoa é, maior a exclusão e discriminação a essa pessoa, ou seja, ela irá sofrer”.

Culturalmente e socialmente se construiu a ideia dos tons morenos, partindo disto se autodeclaram etnicamente negros poucos indivíduos, entretanto é fato termos uma população em maiorias ascendentes da África.

O Brasil é um país essencialmente formado por negros. Sobre isso Lopes (1987), aponta para o fato de a escravidão ter durado mais de trezentos anos, com a particularidade de essa ter sido a relação social de trabalho absolutamente predominante em todas as atividades econômicas principais. De norte a sul, de leste a oeste do país, a pessoa negra foi maioria demográfica no Período Colonial, isso explica o fato de o Brasil ser o país fora da África com um dos maiores contingentes populacionais de negros do mundo.

Criar uma noção de pertencimento étnico-racial entre alunos/as de escolas públicas residentes nas comunidades como as citadas neste artigo, quando há negação interna do preconceito e a ideia de que ser negro está associada ao contexto da escravidão, tem como consequência o distanciamento de si mesmo e do “outro”. Essa questão é colocada em pauta, e torna a luta por proximidade dos valores unilaterais predominantes no meio.

Ao sugerir espaço dentro do mundo branco afirmando que o menos escuro se aproxima mais do que viria parecer branco, torna automaticamente o processo de embranquecimento um sucesso, e faz do racismo uma prática comum ao cotidiano do povo brasileiro.

Uma das consequências do embraquecimento, pode ser percebida ao observar as figuras negras que implementam as novelas da rede Globo, as que conseguem papéis notórios, são acompanhadas de traços mais finos e pigmentação mais clara. O Embraquecimento

---

<sup>3</sup> “Ao contrário do racismo, que se orienta na identificação do sujeito como pertencente a certa raça para poder exercer a discriminação, o colorismo se orienta somente na cor da pele da pessoa. mesmo uma pessoa reconhecida como negra ou afrodescendente, a tonalidade de sua pele será decisiva para o tratamento que a sociedade dará a ela.”

<sup>4</sup> **Blogueiras Negras**– Colorismo: O que é, como funciona disponível em:

< <http://blogueirasnegras.org/2015/01/27/colorismo-o-que-e-como-funciona/>>. Acesso em 25 de maio de 2018.

deixou no subconsciente do Brasil, a busca por modelos negros relacionados ao padrão construído em volta da estética da pessoa branca.

### **2.1.1 Entre o mais escuro e mais claro**

Mesmo sendo algo discutido há um bom tempo no país, garantir uma educação voltada para o crescimento e remodelagem dos ideais etnocêntricos, torna-se de difícil compreensão para os alunos quando as características do homem negro são ainda voltadas para um encarte de inferiorização. É responsabilidade do/a educador/a educador despertar no educando a consciência através do ensino de história, de modo que busque combater o preconceito racial, sobretudo, porque estes indivíduos estão distantes de movimentos sociais e de ambientes acadêmicos.

Isto exige um desdobramento metodológico mais aguçado, pois propor esse ensino além de dias especiais voltados a abordar a cultura negra torna-se difícil quando o currículo de história está voltado em boa parte para a construção histórica do mundo ocidental na perspectiva dos europeus.

Uma vez cheguei ao Projeto no carro com um senhor negro, ao sair do carro, como dita o costume regional, pedi-lhe “a benção”, fui então questionada por um grupo de adolescentes a respeito de quem seria, expliquei ser meu avô e houve surpresa, embora eu já houvesse dito a eles que tenho ascendência negra.

Mas para as meninas isso pareceu distante ou se tratava de mais um discurso pronto. Primeiro, porque de fato, nunca sofri preconceitos nem desapontamentos por causa da cor da minha pele, segundo porque na sociedade brasileira prevalece o discurso da homogeneização, o de que somos frutos da África. Na verdade, há a predominância de representatividade de mulheres brancas, o exemplo de beleza feminina está exposto nas atrizes de telenovelas como Marina Ruy Barbosa e Isis Valverde. Terceiro porque a didática escolar elabora planos voltados a relembrar o passado de sofrimento das pessoas negras por causa da cor de sua pele e o discurso sobre o fim do preconceito racial sempre finaliza na escravidão, e não se exercita a empatia de fato e não se coloca em discussão o processo de resistência das pessoas negras durante a escravidão, o que acaba criando ainda mais adornos em torno da figura do branco como superior.

A postura comum vinda do processo de colonização, como também do imperialismo ocidental, acarreta uma compreensão da pessoa negra a partir do pressuposto da cultura do

colonizador. A falta de reconhecimento caracteriza a sociedade brasileira, marcada por profunda desigualdade social. Sobre essa discussão Monteiro (2013) aponta que ainda se constata na sociedade brasileira o desrespeito e, muitas vezes, o não reconhecimento da diversidade humana.

Em uma das práticas no projeto, para perceber a miscigenação decorrente à chegada dos europeus e negros na América, refletindo sobre mais uma faceta dos preconceitos existentes: o colorismo; fotografias de famosos brasileiros foram levadas e o exercício parecia simples, era apenas para dizer a cor da pele.

A chamada democracia-racial agrega, no contexto das adolescentes em questão, que ser necessariamente negro indica uma espécie de “defeito”, Neymar e o Mc Livinho por terem a pele negra em tom mais claro, não se definiriam para as meninas como indivíduos negros se assim o quisessem, aos seus olhos os rapazes não possuem cor certa, tornou-se mais fácil afirmar, após a anulação do pardo, que o jogador é branco e que o cantor seria moreno, a decisão se deu com base no seguinte critério: o acerto partiu do meio termo, este meio termo, seria para não coloca-los como homens negros, pois negros seriam os indivíduos mais escuros.

Dentro do critério das meninas, ser preto recorre a ausência de beleza, o moreno agrega o tom perfeito de pele, porque o branco demais não é de todo bonito assim como o preto demais. Muitos tons de morenos apareceram, houve uma foto do Neymar que o mesmo estava com pele mais clara, o que fez algumas meninas constatarem sem dúvida alguma que o jogador é branco, outras ao protestarem que na televisão o mesmo é mais moreno, desencadearam dúvidas recorrentes ao que definiria um indivíduo negro. Ao final dos questionários, ficou ainda mais claro que em seu senso comum, os negros não existiriam no Brasil, pois todos somos misturas de raças, e depois porque todas têm algum parente “meio branco”, não poderiam ser negras, por consequência também não seriam negras, sendo meio escura e meio clara morena as define melhor.

A ideia de preconceito racial não está ligada ao seu real significado, onde se afirma que o racismo se dá a partir de teorias e crenças que estabelecem uma **hierarquia** entre as raças e etnias, mas preconceito seria apontar o outro como preto, sendo ele moreno.

### 2.1.2 A condição de mestiças

Em um questionário realizado com vinte e oito meninas do Projeto, ao perguntar se sabiam o que era racismo, os termos usados em demasia pelas que responderam foram: “Chamar a outra pessoa de preto”.

Houve, na internet, por volta do mês junho no ano de 2017, no *Youtube* para maior exatidão, uma discussão sobre qual palavra se faria mais útil no momento para se definir a Pessoa Negra. No vídeo, o angolano Nabby Clifford<sup>5</sup> aponta que, no Brasil, a língua portuguesa se utiliza do termo negro para denominar coisas negativas, afirmando que é necessário se desfazer do termo negro e empregar a palavra preto, afinal, o termo branco não é ligado a coisas negativas e o termo preto historicamente também não seria, pois não denomina coisas negativas.

Em contraponto, voltado a refletir sobre essa declaração de Clifford, o Canal *DePretas*<sup>6</sup> aborda a temática sob perguntas que recebera sobre o termo preto, se seria algo negativo ou não, e se o termo negro seria mais ou menos racista.

A apresentadora do canal afirma que pessoas em contexto de proximidade chamam outros de pele mais clara de pretinha e não sentem que há ofensa, porém automaticamente imaginam que chamar a negra de pretinha traduz racismo, mas salienta, mais tarde, que não vive chamando nenhum branco de branquinho, por fim, afirma que tudo depende do modo que o indivíduo se enxerga e sente bem.

A conclusão da mesma se fez a partir do afastamento ao longo dos anos dos indivíduos pretos de sua negritude no Brasil, para a mesma o problema não são as palavras, mas a forma que se usam os termos, afirma que o problema é o racismo e o racista, ou seja, partindo do pressuposto que a colonização e perpetuação da cultura ocidental historicamente não agrega ao termo branco tons negativos entendem-se que há necessidade de ressignificar os termos, e não aboli-los.

No contexto das adolescentes, o termo preto pesa como ofensa por causa da construção voltada para o ensino de se evitar a palavra, a pardização no Brasil teve como objeto principal “o fim da existência do negro ou preto”, logo, ser preto é ofensivo e, quando usado, vem muitas vezes no intuito de coisificar e diminuir o outro.

Atualmente as políticas públicas e os movimentos dão ênfase ao termo negro, logo a palavra não acarreta ofensa às meninas, que vieram salientando que o que entendem por

<sup>5</sup> "Não sou negro, sou preto in YouTube: junho 2018," YouTube vídeo, 2:07, postado por "YouTube," 30,de julho de 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=fkb29JLmEuU>

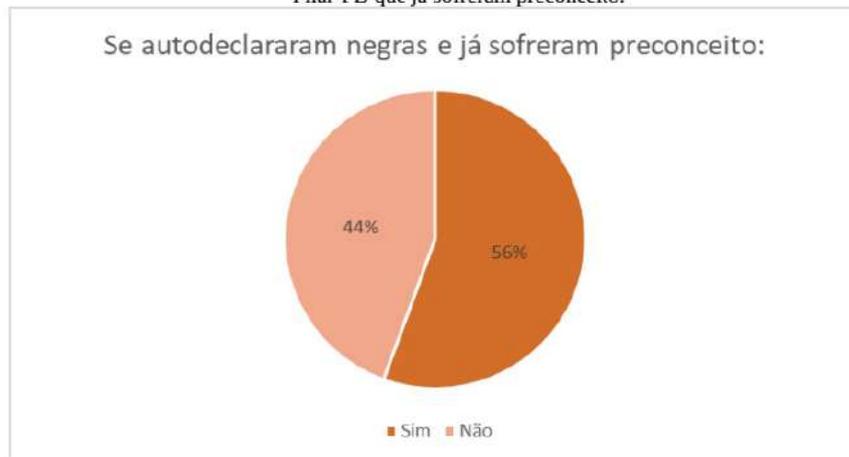
<sup>6</sup> Negro ou Preto? In Youtube: junho 2018. Youtube vídeo, 3:30, postado por DePretas, 04 de jun ,2017.Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xXZCcQpUfUk>

indivíduo negro enquanto denominação seriam os indivíduos de tons de pele necessariamente mais escura onde, visualmente, o pardo não entra em questão.

O termo pardo e o termo preto que as alunas se referem, de fato vêm com o peso do famoso *preconceito velado*, o outro que é o preto, e neste sentido chamar alguém de preto, além de ser lembrado do “defeito” é diminuí-lo pelo “defeito”, o fato do termo ser usado em tom de minimização no passar dos anos, logicamente contribui para que isso se suceda e, por nação, ganhar no espaço delas um ressignificado, o respeito no pensamento das meninas se daria a não se lembrar do suposto “defeito”. O exercício de não racismo que se fez perceptível no ambiente social das adolescentes, parte unicamente deste pressuposto.

No questionário sobre o fato de já terem sofrido preconceito, de vinte e oito meninas boa parte afirmou que sim, sofreram algum tipo de preconceito, os motivos, como dito anteriormente, seriam o cabelo e depois a cor da pele, mas houve, também, quem testificou após afirmar sofrer preconceito por causa do cabelo, nunca ter presenciado um caso de racismo ou sofrido racismo. Ao perceber os gráficos constataremos melhor essa percepção a respeito de racismo nos seus respectivos ambientes sociais

Figura 1: Gráfico representando as adolescentes negras frequentadoras do Project Compassion, Pilar-PB que já sofreram preconceito.



Fonte: Vanessa (2018)

Figura 3: Gráfico apontando os principais motivos que levam as adolescentes das comunidades Cangote do Urubu e Rua da Macumba a sofrerem preconceito



Fonte: Vanessa (2018)

Figura 3: Gráfico representando as adolescentes das comunidades Cangote do Urubu e Rua da Macumba que presenciaram ou presenciaram racismo no dia-a-dia



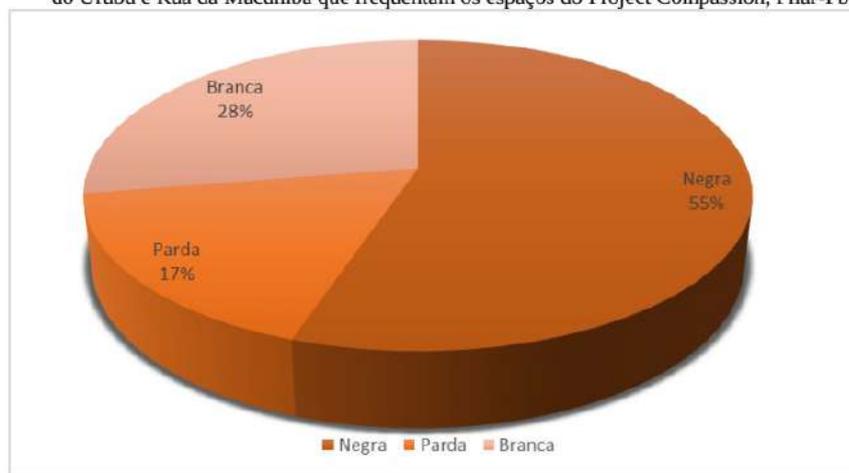
Fonte: Vanessa (2018)

Sobre a questão do preconceito racial Schwarcz (2017) aponta que ninguém nega que exista racismo no Brasil, mas sua prática é sempre atribuída a “outro”. Seja da parte de quem age de maneira preconceituosa, seja daquela de quem sofre com o preconceito, o difícil é admitir a discriminação e não o ato de discriminar. Além disso, o problema parece ser o de afirmar oficialmente o preconceito, e não o de reconhecê-lo na intimidade. Tudo isso indica que estamos diante de um tipo particular de racismo, um racismo silencioso e que se esconde por trás de uma suposta garantia da universalidade e da igualdade das leis, e que lança para o

terreno do privado o jogo da discriminação. Com efeito, em uma sociedade marcada historicamente pela desigualdade, pelo paternalismo das relações e pelo clientelismo, o racismo só se afirma na intimidade.

O pardo não era critério a ser marcado no questionário respondido, houve meninas que, percebendo a ausência, e logicamente não se enxergando de todo brancas, passaram a escrever ao lado das opções o termo pardo. Segue o gráfico a seguir:

Figura 4: Gráfico exibindo a auto declaração das adolescentes moradoras da Rua Cangote do Urubu e Rua da Macumba que frequentam os espaços do Project Compassion, Pilar-Pb



Fonte: Vanessa (2018)

Sendo o Brasil um país cuja população é caracterizada pelo estigma a respeito da cor da pele, o colorismo, ou pigmentocracia, revela preconceitos construídos em volta do processo histórico de “embranquecimento”, se supõe a criação dos “morenos” quando:

Surge um processo de tentativa de branqueamento, por onde se buscou a impedir as relações inter-raciais entre brancos e negros para justamente mitigar as características raciais do negro na sociedade que se formava e, igualmente, ressaltar a permanência dos caracteres brancos europeus, modelo compreendido como modelo universal de humanidade (SILVA, p.7).

Segundo Munanga (1988), uma das preocupações mais constantes dos jovens intelectuais quando chegavam à Europa era manter relações sexuais com uma mulher branca. Alguns diziam, em tom de brincadeira, que era a maneira de vingar a raça negra; ainda coloca que a mulher branca poderia ser insípida e de traços banais, mas parece superior à negra ou

mestiça. Tratava-se de um produto fabricado pelo colonizador, uma palavra dada por ele deveria receber confiança.

Para a burguesia dos séculos XIX, a mestiçagem no Brasil era uma mancha, a escravidão estava a estragar a imagem do “novo Brasil”.

Não por coincidência, o hino da República, criado em incios de 1890 — portanto, um ano e meio após a abolição da escravidão —, entoava orgulhoso: “Nós nem cremos que escravos outrora/ Tenha havido em tão nobre país!”. Ora, o sistema escravocrata mal acabara e já se supunha que era passível de esquecimento! (WCHWARCZ, 2012, p.20).

Fotos nos perfis das adolescentes com facebook estão sempre com uso de filtros para clarear a pele, os pós de pele comprados pelas mesmas marcam um tom diferente do de suas peles, perceber um pó de pele em tom mais escuro para si e compatível a sua pele parece difícil. Há também a problemática do imaginário homogêneo, o que contribui para que nem sempre haja marcas que disponibilizem uma variedade maior de tons, entretanto com a chegada de youtubers negras, e maior representatividade de mulheres negras por este meio, há acréscimos dos tons mais escuros pelas marcas.

A absolvição de valores ocidentais se dispõem e se perpetuam nas gerações em recorrência do neocolonialismo e globalização; Munanga (1988), ao falar da elite negra, aponta que os mesmos se fizeram de duas coisas para compor a tentativa de libertação: o amor ao colonizador e um complexo de sentimentos que vão dar vergonha ao ódio de si mesmo. O embranquecimento da pessoa negra realizar-se-ia principalmente pela assimilação dos valores culturais do branco.

O ser mestiço agrega distanciamento das possibilidades de se enxergar como algo além do pardo, visto que os valores ocidentais ao trazer figuras brancas pelo meio midiático, inibe a possibilidade de aceitação das características negroides no processo de formação das mulheres.

É na adolescência que a necessidade por um cabelo liso se torna mais vigente, o fato de um cabelo ser apontado como “pichain” fundamenta configurações e sentimento de inferioridades com relação à hierarquia ditada pela beleza. Parecer com o branco aproxima-as um pouco mais na “classificação” desta hierarquia dos padrões.

Dentro destes paramentos, como afirma Silva (2017), o fato de estagnar ou, ao menos, diminuir as influências dos caracteres negros na formação da sociedade brasileira, surge um

processo de tentativa de branqueamento, por onde buscou-se a impedir as relações interraciais entre brancos e negros para justamente mitigar as características raciais do negro na sociedade que se formava e, igualmente, ressaltar a permanência dos caracteres brancos europeus, modelo compreendido como modelo universal de humanidade. Contribui para que ao se olharem no espelho os traços e aspectos negros sejam visto como algo a ser corrigido, melhorado se possível.

Para que se acrescente na prática escolar uma educação antirracista, no meio dos múltiplos valores eurocêntricos, vale a incorporação da consciência política das diversidades étnico-raciais no dia a dia; mesmo com as políticas públicas lançadas em prol desta educação, nas telenovelas ainda predominam a figura do indivíduo branco. Portanto, a assimilação dos alunos sobre si, no geral, pertence ao que ouvem em casa, na rua, com os colegas, os valores do branco se faz presente no cotidiano do brasileiro.

#### **2.1.2.1. Educação antirracista**

Em 09 de janeiro de 2003, a Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996 fora alterada pela lei de nº 10.639, esta determinou que se fizesse obrigatório à inclusão no currículo escolar do estudo da “História e Cultura Afro-Brasileira”; em 2004 as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana foram aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação. A LDB (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) fora alterada:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

No que se refere à lei 10.639/2003, um grande passo para combate ao racismo e construção da afirmação da identidade negra foi tomado. Pensando a respeito das discussões sobre a diversidade cultural na formação do Brasil, a lei acrescenta para o currículo escolar o exercício do repensar as metodologias de ensino, uma vez que há no Brasil o preconceito cotidiano em decorrência do histórico de “Desvalorização e a alienação do negro, com relação a tudo que toca a ele” (MUNANGA, p.21 1988).

Como citei anteriormente, as comunidades de onde provém boa parte das adolescentes são a “Rua da Macumba” e a Rua Cangote do Urubu, portanto, anular a possibilidade de um argumento fomenta a não existência de racismo frente a estes termos seria muito difícil.

No cotidiano das meninas, às terças-feiras, muitas frequentam o centro de candomblé na famosa “Rua da Macumba”, a comida oferecida seria o principal atrativo, poucas vão para participar do ritual, mas por reunir um contingente de curiosos, acaba sendo reuniões onde as meninas marcam encontros com seus respectivos interesses amorosos. O estigma dado a religiosidade afro-brasileira limita que mencionem sua ida ao terreiro abertamente, tanto as que frequentam de forma mais participativa quanto as que vão observar, se abstém do assunto para evitar apontamentos de outras no intuito de escarnecer.

As fotografias e imagens eram sempre o ponto de provocação para iniciar a discussão étnico-racial, partindo da colocação de Porto e Silva (2012), quando bem utilizadas as imagens podem auxiliar os estudantes na problematização de conceitos históricos, num convite para que pensem ou fiquem curiosos sobre determinados temas, sendo assim uma poderosa fonte de informação. Ao saber de realezas africanas por meio de fotografias, perceberam-se duas coisas:

Primeira. Quando a realeza está em um passado, demonstrando ou insinuando que não há mais vestígios disto, o intuito de desconstrução do pensar o mundo a partir do branco parece não surtir efeito, pois a ideia de dizimação deslegitima no contexto das estudantes citadas neste artigo, a ideia de igualdade, acaba sendo sobreposta por uma coisa: a vontade de estar e se refazer para estar no lugar do branco, em vez de despertar a luta por respeito ao múltiplo e orgulho da cultura afro-brasileira, há uma reverberação que insinua ao entendimento das mesmas a imagem de um povo fraco, com os quais as mesmas não querem fazer parte.

Segundo. Em outra reunião, fotos de princesas da atualidade foram levadas, o intuito não era levantar as realidades políticas dos países, era apenas mostrar princesas e rainhas.

Oito mulheres foram levadas, a princesa Dlamini Sikhanyiso<sup>7</sup> da Suazilândia, considerada rebelde por posicionamentos que se contrapõem às práticas do país; a irreverência da princesa rendeu admiração. Esta experiência levou-as não só a reconhecer semelhanças e diferenças culturais, como também, a discernir que há espaços em que o negro é o protagonista.

Terceiro. Em um outro momento, um vídeo intitulado Colorismo, ser negro e os 3 mitos da mulher negra do Canal Afros e Afins, apresentado por Natally Nery<sup>8</sup>, jovem negra, estudante de Ciências Sociais, fora assistido; o objetivo do canal, segundo Nery, é falar sobre as mulheres negras, sobre suas vidas, sobre os espaços, sobre como lidam com suas realidades e como, através do conhecimento, as mulheres negras podem mudar as coisas negativas que as cercam; cuidados e dicas voltadas para estética negra também é pauta do canal. A mesma se coloca como negra de pele mais clara, fato que a torna “mais tolerável na sociedade, mais agradável aos olhos”, mas não muito longe do racismo estrutural e suas consequências, a youtuber dá ênfase à importância de construir sua identidade como negra, e por ser conhecida por seu ativismo entre jovens e adolescentes usuárias da plataforma, ela explica que a auto declaração surge ao redor de percepções de sutilezas que o racismo agrega na sociedade, a mesma afirma que as usuárias perguntam como se definiriam enquanto negras, se havia critérios a isso, para ela, análise tem que partir de dentro pra fora.

O fato de canais de youtubers estarem construindo esses questionamentos e posicionamentos aos jovens brasileiros é contemplativo, e o fato de haver dúvidas como se auto declarar, frisa que as ações voltadas para educação étnico-racial sensibilizam os jovens e adolescentes quanto a essa mudança, a escola deve trabalhar as percepções de si com seus alunos, o questionamento das jovens em direção a figuras como Nery pela internet, demonstra que a africanidade brasileira deve ser colocada efetivamente nas disciplinas escolares e que há muito a se aprender sobre a temática no ambiente escolar.

Sobre essa questão Oliveira (2006) aponta que crianças, adolescentes e jovens negros e negras, têm vivenciado um ambiente escolar inibidor e desfavorável ao seu sucesso e ao desenvolvimento pleno de suas potencialidades. Lançar olhares sob os usos da contemporaneidade, para que se instalem na escola posicionamentos mais democráticos,

---

<sup>7</sup> A Princesa Sikhanyiso desenvolveu uma reputação de ignorar, ou de se rebelar, contra as tradições do seu país natal.<sup>8</sup> Sikhanyiso veste calça jeans e minissaias, algo que as mulheres na Suazilândia são proibidas de fazer, também criticou a instituição da poligamia na Suazilândia, dizendo: "a poligamia traz todas as vantagens de um relacionamento para o homem, e isto para mim é injusto e mal".

<sup>8</sup> Afros e afins in YouTube: março 2018, YouTube vídeo, 12:45, postado por Natály Nery, 01, fev 2016, [https://www.youtube.com/watch?v=DGGaLz\\_NYDo](https://www.youtube.com/watch?v=DGGaLz_NYDo)

garantindo o respeito às diferenças, é condição básica para a construção do sucesso escolar dos estudantes.

Se esta consciência surge de dentro para fora, e se esse processo se dá através do conhecimento, logo a escola deve levar aos professores e professoras a promoção de reflexões que desfaça todo estigma relacionado ao reconhecimento racial negro.

Acerca dessa problemática Wchwarz (2012) demonstrou que os componentes demográficos recentes parecem indicar uma consistente redução da população negra, um aumento correspondente do grupo pardo e uma lenta diminuição — eventualmente uma estabilidade em médio prazo — da população que se auto identifica como branca. Os dados reforçam, dessa maneira, a existência, não de um branqueamento, mas antes de uma “pardização”.

O “pardo” é como as adolescentes se autodeclaram, o pardo é uma espécie de meio termo entre as duas coisas, deixando claro que a família está repleta pelas duas cores, e mesmo que os caracteres negroides estejam mais evidentes, um membro distante da família de pele clara acaba por incentivar a pardização.

#### **2.1.2.2. A negritude enquanto política de afirmação e movimento antirracista**

Como citei no início desse texto, o bullying e exclusão de outras, por meio de grupos mais notórios entre as meninas, se deu com relação à cor, abaixo há um trecho de um dos textos escritos após a discussão e exibição do vídeo Colorismo e os três mitos que cercam a mulher negra: Sandstrom (1973) confirma que as tentativas para conquistar popularidade são muito notórias nos anos da adolescência. Isso quer dizer que os adolescentes procuram, da melhor maneira que suas capacidades lhes permitam, desempenhar a função que o meio exige deles, ou seja, sendo o Brasil cercado de preconceito velado, as crises existenciais e necessidades de aceitação das adolescentes negras são consequências.

Observe a seguir uma das dissertações das adolescentes como resultado do possível reconhecimento enquanto negra, a construção envolta no discurso de defesa da normalidade enquanto negras se faz necessária ao declarar sua negritude.

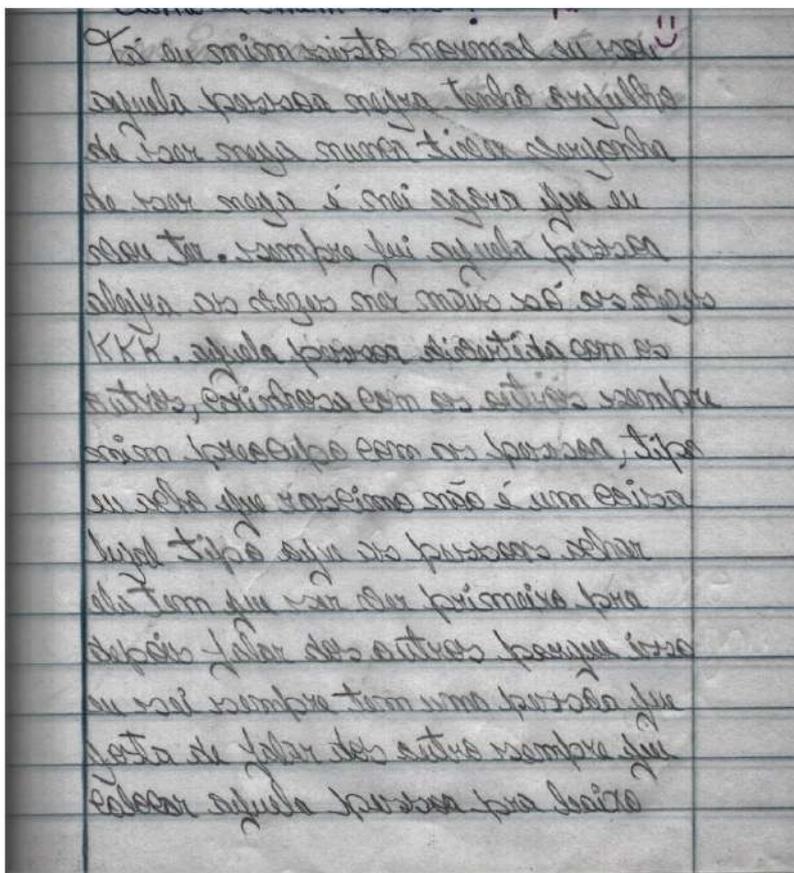


Figura 6: Dissertação produzida em 16/11/2017.

A naturalização das relações sociais onde o branco se sobrepõe ao negro intercepta as meninas que se percebem e se identificam como negras, as mesmas elaboravam argumentos com o intuito de “humanizá-las” enquanto negras, os textos sempre vinham sob um argumento de empoderar sua normalidade. O “Eu sou normal”, “Sou divertida, carinhosa” do texto acima traz e enfatiza que o preconceito racial está mais que presente na vivência dessas comunidades.

O texto também reitera disposição para lembrar que o “Eu não sou apenas vítima, eu também vivo e tenho espaço comum como todos os outros”, que pensar racismo partindo do pressuposto do histórico de sofrimento constante sem resistência, sem figuras negras em locais de destaque, agrega uma percepção rasa sobre as configurações do racismo.

As garotas entendem a pessoa negra dentro dos estereótipos pré-estabelecidos, o contexto de escravizado e senzala fazem parte deste imaginário, o exemplificador desse fato é

a Natally Nery<sup>9</sup>. Para elas, na exposição das fotos, mesmo sendo negra de pele mais clara a mesma foi denominada negra, acredito que os dreads contribuíram para a constatação; quanto a MC Livinho, com relação a sua última foto no Instagram, ficou menos bonito para algumas admiradoras, o artista estava em transição capilar, os caracteres de sua negritude estavam relativamente em maior ênfase.

É raro, no Brasil, perceber que o outro tem e pode compartilhar de significados culturais particulares dentro do espaço de interação, segundo Monteiro (2013) ainda se constata na sociedade brasileira o desrespeito e muitas vezes o não reconhecimento dessa diversidade humana.

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O aprender a perceber às tradições de modo crítico interfere na forma de vivência do indivíduo com o mundo. Tratar a relação étnico-racial enquanto monitora e desenvolvedora de possíveis competências educativas, sociais e emocionais no Projeto Social citado neste texto, nos faz atentar para questões fundamentais: ao pensar neste mundo categorizado por estruturas desiguais na relação homem e sociedade, pensar em um processo pedagógico que interceda pela memória e que propulsione percepções voltadas para a negritude, refaz o sentido das descobertas identitárias de forma positiva.

Sem que percebam, as pessoas se entrelaçam de olhares, falas e percepção sobre o mundo que as cercam enraizadas nas configurações do racismo, o colorismo ou Pigmentocracia; a democracia racial se faz presente através das pontuações que sustentam e intensificam a inferiorização do “outro”, mesmo com políticas públicas e diretrizes curriculares que determinam esta desconfiguração, ainda não se tem priorizado temáticas que coloquem a educação da população e a história da pessoa negra no olhar pessoal dos indivíduos.

Perceber os meios de comunicação é fundamental, os usuários jovens da internet aprendem mais sobre a relação entre o “Eu” e o “Outro” por estarem em desenvolvimento de sua criticidade quanto ao mundo frente às redes sociais, pois no contexto das redes sociais, as imagens e personagens que são objeto de uma situação que de imediato possa evocar significados aos negros sob circunstâncias que elevam a negritude pode apresentar a beleza de o ser assim.

---

<sup>9</sup> No jogo de imagens levado para este momento, estavam atrizes globais como Marina Ruy Barbosa, Isis Valverde, Bruna Marquezine, Camila Pitanga, Thais Araújo, Sheron Menezes, figuras que encabeçam modelos de beleza, as atrizes negras nem sempre foram bem percebidas enquanto cabelos naturais.

Um das adolescentes, por volta dos quinze anos, de família negra, em processo de transição capilar, falava de casos que os próprios pais colocavam sua cor em pauta em tons negativa. Apresentei-lhes o Instagram Africanize-se no intuito de apresentar figuras negras; em outra semana, comentou ter encontrado mulheres que pareciam e lembravam-na e pareceriam ainda mais após deixar os cachos crescerem, dissera, também, que o pai colocara estas conclusões. Se um elemento “simplório” como este agregou percepção de si enquanto negra, imaginei o quanto os ambientes pedagógicos poderiam explorar gerando essas visões, mesmo para aqueles que não têm acesso às redes e sociais e plataformas de compartilhamento de vídeos etc.

No contexto do ensino de história, é preciso refletir sobre os motivos pelos quais o negro chegou ao Brasil no papel de homem escravizado, é comum termos nomes em homenagem a figuras do universo cristão, ao se fazer questionar o termo usado para Rua da Macumba, sabiam por causa da escola a origem da palavra, conheciam sobre o que viria ser intolerância religiosa voltada à questão étnico-racial parcialmente, não há homenagens aos nomes negros a figuras negras, as mesmas não conhecem estes nomes, não reconhecem qualquer vínculo de exaltação à pessoa negra essencialmente benéfica.

Sendo assim, ao considerar a maneira que as futuras mulheres das comunidades do Cangote do Urubu e Rua da Macumba evidenciam enquanto sujeitos sociais, práticas que abraçam o embraquecimento, ressignificar os elementos constitutivos em resposta ao racismo velado de cada dia se fazem necessário enquanto ofício do educador de História. Sendo os formandos da Universidade Estadual da Paraíba do Campus III de Guarabira enviados a realidades semelhantes em seus respectivos interiores, penso que desconstruir esses ares deve ser primordial.

Pensar no ofício do educador e do ensino em história remete ao poeta Manoel de Barros que, ao afirmar que era como um pedaço de formiga no chão, ao perceber as coisas em volta do seu quintal, mantém o gosto apenas no ato de desver o mundo. Em um mundo que empodera a cosmovisão ocidental, perceber algo além dessa visão se faz neste exercício de gostar de desver o mundo.

#### 4. REFERÊNCIAS

AIRES, José Luciano de Queiroz et al. **Diversidades Étnico-Raciais e Interdisciplinaridade**: diálogos com as leis 10.639 e 11.645. João Pessoa: Editora, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006.

**Blogueiras Negras**— Colorismo: O que é, como funciona disponível em: < <http://blogueirasnegras.org/2015/01/27/colorismo-o-que-e-como-funciona/>>. Acesso em 25 de maio de 2018.

LOPES, Helena Theodoro; SIQUEIRA, José Jorge; NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Negro e Cultura no Brasil**: Pequena Enciclopédia da Cultura Brasileira. Rio de Janeiro: UNIBRADE/UNESCO, 1987.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentindos**. São Paulo: Ática, 1986.

Não sou negro, sou preto in YouTube: junho 2018," YouTube vídeo, 2:07, postado por "YouTube," 30, de julho de 2016, <https://www.youtube.com/watch?v=fkb29JLmEuU>

NERY, Nataly. Afros e afins. **Youtube**, 01 fev. 2016. . Disponível em:< [https://www.youtube.com/watch?v=DGGaLz\\_NYD0](https://www.youtube.com/watch?v=DGGaLz_NYD0)> Acesso em: 10 mar. 18>

Negro ou Preto? In Youtube: junho 2018. Youtube vídeo, 3:30, postado por DePretas, 04 de jun ,2017. <https://www.youtube.com/watch?v=xXZCcQpUfUk>

OLIVEIRA, Arios Valber de Souza et al. **Ubuntu**: Educação, Alteridade e Relações Étnico-Raciais. João Pessoa: CCTA, 2016.

SANDSTROM, Carl Ivar. **A Psicologia da Infância e da Adolescência**. Tradução de Álvaro Cabral. - Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **Nem Preto Nem Branco, Muito Pelo Contrário**: Cor e Raça na Sociabilidade Brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

SILVA, Marco; PORTO, Amélia. **Nas Trilhas do Ensino de História**: Teoria e Prática. Belo Horizonte: Rona, 2012.

SILVA E SILVA, Tainan Maria Guimarães. **O Colorismo e Suas Bases Históricas Discriminatórias**. 2017. Disponível em <<http://revistas.unifacs.br/index.php/redu/article/view/4760/3121> - Acesso em 27/05/2018>